

# RESENHAS

---



## OSWALD E MÁRIO DE ANDRADE, A ANTROPOFAGIA E UM ENSAIO POLÊMICO

JOÃO ROBERTO FARIA  
Universidade de São Paulo, São Paulo.

**T**eatro e Antropofagia (Global, 88 páginas, tradução de Eduardo Brandão), do professor e ensaísta norte-americano David George, é um estudo que aproxima dois Andrades do Modernismo, Oswald e Mário, pelo prisma da Vanguarda Antropofágica.

Para o autor, a peça **O Rei da Vela** (1937) e a rapsódia **Macunaíma** (1928), bem como as montagens teatrais desses textos realizadas respectivamente pelo Grupo Oficina (direção de José Celso Martinez Correa, 1967) e pelo Grupo Pau-Brasil (direção de Antunes Filho, 1978) irmanam-se na Antropofagia, entendida à maneira de Oswald. Ou seja: como forma de superar a dependência cultural em todas as suas manifestações, "devorando" as influências estrangeiras, transformando-as criticamente em vez de imitá-las, e preservando a própria raiz nacional, primitiva e antropófaga.

Creio não haver nada mais pertinente do que uma análise da peça **O Rei da Vela** e do espetáculo de José Celso à luz do "Manifesto Antropófago". Assim como a peça pode ser considerada a primeira aplicação da **metáfora antropofágica** à linguagem teatral, a montagem do Oficina demonstra a aplicabilidade da linguagem da Antropofagia ao espetáculo teatral. David George desenvolve essa idéia com coerência e clareza, centrando as reflexões na questão da dependência cultural e econômica, que Oswald e José Celso exorcizaram com toda a virulência da paródia, do sarcasmo e do deboche.

Em sua formulação geral, porém, a tese do ensaísta norte-americano apresenta pelo menos um ponto discutível: dar como fato consumado a filiação do texto de Mário de Andrade à corrente antropofágica do Modernismo, sem qualquer referência às discussões sobre o assunto que já foram feitas por nossos críticos e pelo próprio escritor, particularmente numa carta escrita a Alceu Amoroso Lima em maio de 1928. Na ocasião Mário afirmou ao amigo que não se identificava com a Antropofagia, nos seguintes termos: "Quanto ao manifesto do Oswald ... acho ... nem posso falar que acho horrível porque

não entendo bem. Isso, como já falei pra ele mesmo, posso falar em carta sem que fique cheirando intriga nem manejo. Os pedaços que entendo em geral não concordo”

Em seguida Mário lamentava que pela segunda vez uma obra de sua autoria seria identificada com um manifesto de Oswald. Assim como o livro de poemas **Losango Cáqui** (1926) tornara-se a contragosto “possivelmente Pau Brasil”, dizia, “**Macunaíma** vai sair, escrito em dezembro de 1926, inteirinho em seis dias, correto e aumentado em janeiro de 1927, e vai parecer inteiramente antropófago ... Lamento um bocado essas coincidências todas, palavra”.

O fato é que há mesmo pontos coincidentes entre a Antropofagia e **Macunaíma**, como a preocupação com a brasilidade, o nacionalismo crítico, a valorização do primitivismo, etc. Mas há diferenças também. Para Oswald, o ato de devorar é o traço do primitivo que interessa resgatar, para transformá-lo em metáfora de descolonização cultural. Mário, por sua vez, introduz cenas de antropofagia em **Macunaíma** porque fazem parte dos mitos indígenas. Seu interesse está voltado sobretudo para outros traços do comportamento do homem brasileiro, como a preguiça e a sensualidade.

Está claro que David George deixou de lado uma discussão fundamental, ao incluir pura e simplesmente **Macunaíma** na corrente antropofágica. Essa postura acabou por determinar toda a análise que fez do espetáculo dirigido por Antunes Filho, a seu ver “uma extensão dos esforços pioneiros do Oficina no sentido de estabelecer uma arte cênica nacional mediante o uso antropofágico do folclore e dos motivos primitivos”. Assim, estabelecendo ligações entre a montagem de **O Rei da Vela** e de **Macunaíma**, o ensaísta arrisca uma interpretação bastante polêmica de dois momentos da história do nosso teatro contemporâneo em que a criatividade atingiu seu ponto mais alto.

Concorde-se ou não com a formulação geral de **Teatro e Antropofagia**, é inegável que se trata de um ensaio que estimula a discussão. Talvez seja esse, aliás, seu mérito maior, embora haja outros aspectos que igualmente recomendam sua leitura, em virtude do método de trabalho de David George. Graças as entrevistas com José Celso, Antunes Filho e vários atores das montagens de **O Rei da Vela** e **Macunaíma**, muitas informações sobre os bastidores da atividade teatral que ficariam perdidas estão agora ao nosso alcance. Tudo contribui, portanto, para que esse livro, polêmico e informativo, seja bem recebido no meio teatral.